

A incorporação do progresso na obra de Franklin Cascaes

Alda Cristina Duarte Pereira
Universidade Federal de Santa Catarina
alda_crix@hotmail.com

Resumo: Pretende-se desenvolver neste artigo o argumento de incorporação de elementos modernos, que são significadores do progresso na obra de Franklin Cascaes, ao mesmo tempo em que há uma negação destes mesmos aspectos e um olhar nostálgico ao passado pelo autor. O que caracterizará a inovação das estórias narradas por Cascaes é o hibridismo destes dois aspectos dentro do contexto de relato de memória e crítica.

Palavras-chave: Franklin Cascaes, progresso, modernização e incorporação.

Abstract: This article intends to develop the argument incorporating modern elements, which represent the idea of progress in Franklin Cascaes' work, when at the same time there is a denial of these same aspects and a nostalgic vision of the past by the author. What characterizes the innovation of the stories narrated by Cascaes is the hybridism of these two aspects within the context of memory report and critical memory.

Keywords: Franklin Cascaes, progress, incorporation and modernization.

Ideas of progress incorporated in Franklin Cascaes' work

*Comecei o estudo da cultura açoriana por saudades, saudades do passado. E um dia prometi que, quando pudesse, ia recolher na Ilha o que sobrava de todas aquelas tradições açorianas.*¹

Filho de um casal típico de descendentes açorianos, Franklin Joaquim Cascaes vivencia entre a década de 40 e 50 um momento ímpar introduzido sob o estigma do "progresso". Morador do litoral catarinense e tipicamente "barriga-verde", Cascaes visa resguardar das vias da extinção toda uma cultura popular ilhoa, da qual ele próprio é depositário². Para tanto, deu início ao seu trabalho de coletar os contos disseminados através da tradição oral pelos moradores da Ilha de Santa Catarina com a justificativa de preservação da memória popular, que segundo ele "desapareceriam, como já estão quase desaparecendo"³.

Desempenhando o papel de folclorista, como ele algumas vezes se auto-intitula, o tempo constitui o seu maior inimigo no processo de resgate da cultura que se dissipa. A ânsia de reviver o passado denota o tom nostálgico de sua obra que é revelador: "trata-se de lutar

¹ CARUSO, Raimundo C. *Franklin Cascaes: vida e arte, e a colonização açoriana*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1981.p.21.

² ARAUJO, Adalice Maria de. *Franklin Cascaes, o mito vivo da ilha* (mito e magia na arte catarinense). Florianópolis: ed. da UFSC, 2008.p.27.

³ CARUSO, op. cit. p.23.

contra o tempo, pois o que lhe interessa é o passado em vias de extinção.”⁴ Assumindo uma postura contrária às transformações imposta pela modernidade, “Franklin Cascaes procura se insurgir contra o presente dando extrema importância a antigos valores em processo de desaparecimento”⁵.

Apesar do intuito – que poderia ser considerado “ingênuo” – de Cascaes em preservar a cultura popular, esta iniciativa só foi implementada quando no contexto se delimitava um embate com a promoção de valores supervenientes. E é justamente neste momento de insegurança entre o perecer e o que virá que Cascaes, mediante uma atitude autóctone desponta com seus “causos” consolidando uma simbiose entre presente e passado com o fito de revalorização cultural em contraposição ao presente. Neste sentido, como bem salienta Ortiz, “o reconhecimento e a revalorização da cultura popular não é simplesmente um ato de consciência – ele se articula a um contexto.”⁶

O objetivo principal deste artigo é demonstrar como Cascaes, diante da tentativa de denegar os novos contornos assumidos pela comunidade em face dos fenômenos de modernização e progresso – que constituem uma ameaça aos antigos valores, ele não só se utilizará de toda uma gama simbólica advinda deste processo inovador, como dela se utilizará, não com intenção de salientá-la, mas para contrapor e sobressaltar a virtuosidade das tradições.

Esta iniciativa de Franklin Cascaes na busca e rememoração do passado está intimamente relacionada a dois eventos que irão impulsionar o “processo de posituação da cultura açoriana”, quais sejam: o Primeiro Congresso Catarinense de História e a mudança do modo vida na ilha de Santa Catarina em contraste com a modernização no final da década de 40 e início da década de 50.

Devemos compreender o momento no qual é realizado o Primeiro Congresso Catarinense de História para depreender quais eram os seus objetivos no ano de 1948 em que foi realizado na cidade de Florianópolis. A oficialização da açorianidade como um movimento de construção da identidade arquitetou-se como um projeto político do Estado Novo. Florianópolis estava debilitada economicamente, e propostas de transferir a capital do Estado para as áreas mais industrializadas – de descendência alemã e italiana – eram ameaças que se faziam constantes.

⁴ ORTIZ, Renato. *Românticos e folcloristas: cultura popular*. São Paulo: Olho d'água, p.39.

⁵ SOUZA, Evandro André de. *Franklin Cascaes: uma cultura em transe*. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina. p.41

⁶ ORTIZ, op. cit. p.64.



O congresso ocorre exatamente no momento em que o final da segunda guerra mundial, com a derrocada da ideologia nazi-fascista, faz parecer a exacerbação do nacionalismo no sul do Brasil. Esta região, por possuir fortes características das colonizações alemã e italiana, precisou exaltar sua brasilidade buscando uma proximidade com o padrão exigido nesses novos tempos.⁷

Segundo Flores, o "Congresso comemorativo do segundo centenário da colonização açoriana teve por objetivo 'resgatar o importantíssimo papel do açoriano na colonização de Santa Catarina'".⁸ Este evento cujo propósito consistia em evidenciar a brasilidade do povo catarinense contribuiu de forma a inculcar um sentimento de valorização da cultura açoriana dentro de um projeto de "recuperação de uma lembrança perdida"⁹ e de luta "forjada"¹⁰ pela hegemonia cultural.

Apesar de Franklin Cascaes não ter contribuído para o Congresso, pois perante a comunidade científica sua obra era falha metodologicamente, ele certamente se imbuíu do desejo de resgatar a identidade cultural açoriana e dar continuidade ao seu trabalho.

Segundo Anamaria Beck,

a experiência cultural do açoriano, transformada no decorrer de duzentos anos, encontrou em Cascaes um leitor atento e um interprete lúcido. É o suporte sobre o qual assenta o seu mundo e a ele se refere constantemente, buscando talvez não perder um dos parâmetros que é, a meu ver, fundamental para a sua reflexão.¹¹

A problemática traçada por Cascaes ao articular as narrações e os causos fantásticos colhidos por ele no interior da ilha, retratam o contraste advindo do processo de urbanização e de incorporação pela população do modo de vida urbano¹². "Em vez de relacionar a cultura

⁷ SERPA, Élio Catalício. "a identidade catarinense nos discursos do instituto histórico e geográfico de Santa Catarina". P. 15 in Revista de Ciências Humanas. Centro de Filosofia e ciências humanas da UFSC.

⁸ FLORES, Maria Bernadete Ramos. A autoridade do Passado in *A Farra do Boi*: palavras, sentidos, ficções. Florianópolis: editora da UFSC, 1997. p.114.

⁹ FLORES, op. cit. p.120.

¹⁰ Ainda de acordo com a autora Maria Bernadete Flores, "foi no bojo desta discussão, portanto, como se vê, que a 'açorianidade' foi inventada. [...] Foi um momento de luta pela hegemonia cultura em Santa Catarina que o tema 'açoriano' ganhou importância para os intelectuais, e lugares de memória como os arquivos que foram abertos e remexidos." p.133

¹¹ BECK in CARUSO, op. cit. p.15.

¹² Batistela, citando Benjamin qualifica o modo de vida metropolitano como advento das transformações econômicas. "Os relacionamentos e afazeres do metropolitano resumiram-se pela exatidão calculista da vida cotidiana e pela produção relacionada com o tempo. Portanto, pontualidade, calculabilidade, exatidão, precisão e impessoalidade promoveram uma nova ordem na vida moderna, intensificando a intelectualidade". BATISTELA, Kellyn. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Programa de Pós-Graduação em Literatura. Franklin Cascaes: alegorias da modernidade na Florianópolis de 1960 e 1970. Florianópolis, 2007. 261 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura. p.70.



açoriana com o progresso que a urbanização imprimia à Ilha, Cascaes se compromete em registrar uma tradição que, na verdade, está ruindo com a modernização.”¹³

Neste momento de reconstituição da memória, “Franklin Cascaes é, pois, o intérprete de um mundo a que ele próprio pertenceu e no qual ele viveu com a alma e com o sangue, mas é, ao mesmo tempo, o propositor e o profeta de um novo mundo, dogma ‘aberto’ ao sonho”.¹⁴ O anseio pelo passado está sobretudo relacionado às mutações sociais encerradas pelo progresso.

Com a implantação de um transporte público sistemático e a pavimentação das estradas [...], e com a rápida difusão dos meios de comunicação a partir da década de 70, o contato com uma cultura predominantemente urbana é muito mais intenso e já faz parte do cotidiano dos moradores.¹⁵

Alguns destes novos traços culturais do meio urbano são apropriados e redefinidos no interior da comunidade – fonte da memória coletiva – constituindo um processo dialético de assimilados e incorporação dos novos símbolos nas narrativas. Apesar de se manifestar às avessas a este novo ideário que desabrocha no horizonte, Cascaes reage de modo ímpar ao mesmo tempo em que não nega e incorpora estes mesmos elementos na composição de seus “causos”, negando e aderindo ao corolário moderno no mesmo ato.

A antropóloga Sônia Maluf defende a idéia com a qual me filio no sentido de que a mudança advinda com o “modo de vida urbano” não é incorporada de forma unilateral pela comunidade, tampouco os traços culturais predominantes até então na comunidade desaparecem, mas transformam-se.¹⁶ Ou seja, diante deste contato com a “cultura urbana”, o que ocorre não é a perda de todo um conjunto de tradições, mas a reelaboração destes aspectos pela população cujo significado será redefinido e valorizado através do recorte da realidade local realizado por Cascaes ao coletar os seus “causos”.

A chegada da televisão é um exemplo interessante, pois Franklin Cascaes nos revela sua apreensão acerca desta novidade tecnológica, senão vejamos:

A televisão Embrutece, seca o homem, brutaliza. [...] a televisão está fazendo o papel do demônio. [...] A madame medicina conseguiu nesse século dominar a bruxa, mas não conseguiu dominar a televisão, porque ontem a bruxa atacava os intestinos da criança, fazia adoecer, e agora ataca o espírito, a inteligência, que é essa madame televisão.¹⁷

¹³ BATISTELA, op. cit. p.91.

¹⁴ ARAUJO, op. cit. p.34.

¹⁵ MALUF, Sônia. *Encontros Noturnos: bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição*. Rio de Janeiro: rosas dos tempos:1993, p.16

¹⁶ Idem.

¹⁷ CARUSO, op. cit. p.55.



Agora estes mesmos elementos – e sua visão de mundo – serão reapropriados no conto intitulado “Velha Bruxa Chefe”¹⁸:

A imaginação popular ilhoa afirmava existir no morro do Pau da Bandeira, do Antão, da Cruz do início do século e, hoje, da Televisão, um túnel que tinha sua entrada lá no morro citado e alcançava a antiga ermida de Nossa Senhora do Desterro. Como dizem, atualmente, está abandonado: esta velha bruxa metamorfoseou-se de urubu, apossou-se de tal túnel e foi lá residir. Acredito até que ela já requereu usucapião bruxólico do túnel, para tornar-se sua legítima dona e ali levar a efeito as suas famosas reuniões com suas filiadas nas sextas-feiras, sem ganharem o perigo de serem televisionadas ou entrevistadas pelos repórteres que trabalham lá com relação às suas atividades em peijas futebolísticas espaciais bruxólicas.

Através da compilação dos relatos orais, Cascaes irá evidenciar uma crítica com relação à modernidade. O seu modo único de trabalhar as histórias com as características modernas que se incorporam rapidamente à prática social, insere legitimidade à sua crítica ao mesmo tempo em que é depositário de uma cultura/memória coletiva.

Em suas obras “O Fantástico na Ilha de Santa Catarina”, volumes 1 e 2, ambas publicadas pela editora da UFSC, Cascaes por vezes enquadra a narrativa entre um prefácio e um epílogo de teor antropológico, assim como o define o professor Furlan.¹⁹ Exemplo disto é o seguinte epílogo retirado do conto “Balé de Mulheres Bruxas”²⁰:

Que pena, ó minha mui querida Ilha de Nossa Senhora do Desterro! O homem que vive este século vinte está obcecado pelo deus inferior que o está conduzindo por caminhos tão tortuosos que me fogem À imaginação, para poder comentar a direção certa da sua desaconselhável caminhada.

Coletor da uma memória coletiva, Cascaes está atento a todas as mudanças na paisagem e mesmo na população ilhoa que subiu vertiginosamente devido a um grande aumento populacional que marcam o fim da estagnação econômica que pesava sobre a capital em contraste com o progresso material das regiões colonizadas pelos alemães.

Quando eu comecei a trabalhar com a cultura açoriana, em 1946, já estavam começando a desmontar a nossa cidade de Nossa Senhora do Desterro.

¹⁸ CASCAES, Franklin. *O fantástico na ilha de Santa Catarina*. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006. v.2.p.97

¹⁹ FURLAN in CASCAES, op. cit. p.13

²⁰ CASCAES, op. cit. p.42



Começaram a derrubar diversos prédios antigos em toda a cidade. E depois construíram essas favelas de rico, os prédios de apartamentos.²¹

Cumpre-nos salientar que foi neste contexto da década de 1960 que ocorreu no bairro da Trindade a instalação do Campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e em 1965 instituída a Universidade para o Desenvolvimento do Estado de Santa Catarina – UDESC, sob o signo da inovação.²²

A absorção de uma cultura urbana e moderna exterior à comunidade por parte de Cascaes é que qualifica o Fantástico da obra de Santa Catarina, “recriando e criando estórias com personagens repletas de intenções.”²³

Outra narrativa que salta aos olhos de seus atentos leitores é a da “Madame Bruxólica e o saci-pererê”:²⁴

A Irinéia, cada vez que vinha na cidade, aparecia no sítio onde morava, desfilando as modas jovens que copiava, até bem mal, de mulheres vaidosas, emboncadas e retorcidas. Ora aparecia com um vestido tão curto, que a bainha alcançava-lhe a cintura, ora o vestido era tão comprido, que chegava a varrer os ciscos por onde ela passava[...]

E confessou. ‘Fui influenciada pelas conversas que ouvi aqui na frente da minha casa com relação às atividades de espionagens dos discos voadores e das proezas do cavalo brusquenses’.

Observa-se que em um mesmo “causo”, Cascaes mescla não só os novos modismos da época como as vestimentas, que exercem todo um impacto simbólico sobre a rede social, como os aspectos tecnológicos difundidos e noticiados que se perpetuam nas entranhas populares constituindo um novo elemento de incorporação cultural.

Através das estórias, o que se denota não é a “ingenuidade” das narrativas de Cascaes, no sentido de pureza da sua obra, pois acredito que ele conscientemente não nutre a ilusão de recapturar uma cultura “congelada no passado”, mas sim os resquícios culturais que se remodelaram com o passar do tempo e que fizeram parte de práticas culturais na comunidade de Santa Catarina – muito vivas na época de sua infância. O próprio fato de Cascaes servir de medidor já é um sintoma desta articulação cultural.

Inegável é reconhecer que Cascaes se propõe a incorporar novos aspectos do seu cotidiano à sua obra, que não retratam os “causos” de modo genuíno, mas mescla neste mesmo movimento, a nostalgia pelo passado, a apreensão pelo presente e a interrogação pelo

²¹ CARUSO, op. cit. p. 26.

²² RODRIGUES, Neidi. *Bruxas e Magia da ilha de Santa Catarina*. Florianópolis, Insular, 2005. p.63,66

²³ COELHO, in CASCAES op. cit.p.10.

²⁴ CASCAES, op. cit. p.91;93.



futuro.²⁵ O reconhecimento do hibridismo na obra de Cascaes é o que a torna singular por transitar na fronteira entre o relato fiel da memória e a crítica à modernidade. "Elo entre o hoje e ontem, Franklin Cascaes é o mito vivo da Ilha".²⁶

Referências Bibliográficas

ARAUJO, Adalice Maria de. *Franklin Cascaes, o mito vivo da ilha* (mito e magia na arte catarinense). Florianópolis: ed. da UFSC, 2008.

BATISTELA, Kellyn. UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA Programa de Pós-Graduação em Literatura. *Franklin Cascaes: alegorias da modernidade na Florianópolis de 1960 e 1970*. Florianópolis, 2007. 261 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura.

CARUSO, Raimundo C. *Franklin Cascaes: vida e arte, e a colonização açoriana*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1981.

CASCAES, Franklin. *O fantástico na ilha de Santa Catarina*. 3. ed. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2006. v.2.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. *A autoridade do Passado in A Farra do Boi: palavras, sentidos, ficções*. Florianópolis: editora da UFSC, 1997.

MALUF, Sônia. *Encontros Noturnos: bruxas e bruxarias na Lagoa da Conceição*. Rio de Janeiro: rosas dos tempos: 1993.

ORTIZ, Renato. *Românticos e folcloristas: cultura popular*. São Paulo: Olho d'água, [?].

RODRIGUES, Neidi. *Bruxas e Magia da ilha de Santa Catarina*. Florianópolis, Insular, 2005.

SERPA, Élio Catalício. "a identidade catarinense nos discursos do instituto histórico e geográfico de Santa Catarina". P. 15 in *Revista de Ciências Humanas*. Centro de Filosofia e ciências humanas da UFSC.

SOUZA, Evandro André de. *Franklin Cascaes: uma cultura em transe*. Florianópolis, 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Santa Catarina. [?].

Recebido em 15 de maio de 2009.

Aceito para publicação em 23 de maio de 2009.

²⁵ BECK, in CARUSO, op. cit. p.15

²⁶ ARAUJO, Adalice Maria de. *Franklin Cascaes, o mito vivo da ilha* (mito e magia na arte catarinense). Florianópolis: ed. da UFSC, 2008.p.28.

